

Breve comentário sobre a historiografia soviética e a revolução russa

Luiz Bernardo Pericás*

Resumo:

Este artigo discute as diferentes fases da historiografia soviética, da revolução russa ao governo Gorbachev.

Palavras-chave: revolução russa; historiografia soviética; União Soviética; marxismo.

Brief Commentary on Soviet Historiography and the Russian Revolution

Abstract:

This article discusses the various faces of Soviet historiography, the Russian Revolution and the Gorbachev government.

Keywords: Russian Revolution; Soviet historiography; the Soviet Union; Marxism.

É possível identificar distintas fases da historiografia soviética relativa à revolução de Outubro, com todas as suas eventuais mudanças de abordagem do assunto ao longo do tempo. Vale recordar que na primeira década após o triunfo dos bolcheviques, a disciplina seria dominada pela análise interpretativa de Mikhail Pokrovski e seus discípulos, em estudos admirados pelo próprio Lênin.

Vivendo no exílio nos anos anteriores aos acontecimentos de 1917, o intelectual moscovita assumiria um papel importante nos períodos da Guerra Civil e da *Novaya Ekonomicheskaya Politika* (NEP). Editor do *Izvestia*, do *Istoriĭ-markсист* e do *Krasnyi Arkhiv* (o mais emblemático periódico historiográfico do período), ele seria nomeado Comissário para Assuntos Estrangeiros do Soviete de Moscou, ajudaria a fundar as faculdades de trabalhadores de educação preparatória para universidades, o Instituto de Professores Vermelhos (do qual foi diretor

* Pós-doutorado pela Facultad Latino-Americana de Ciencias Sociales (FLACSO), México, e pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (USP); professor de História Contemporânea nesta instituição, São Paulo-SP, Brasil. End. eletrônico: lbericas@hotmail.com

entre 1921 e 1931), a Associação Russa de Institutos de Pesquisa em Ciências Sociais (Raion) e os Arquivos Centrais do Estado da Rússia, além de ter sido eleito para a Academia Soviética de Ciências (1929) e indicado como membro do Presidium da Comissão Central de Controle e do Comitê Executivo Central dos Sovietes da Rússia. Apesar de tudo isso, sua ênfase na ideia de *processo* histórico, dando centralidade à luta de classes, à influência das questões econômicas e ao papel dos setores populares como protagonistas dos acontecimentos, mesmo que nitidamente calcada na tradição marxista, seria eventualmente atacada, principalmente a partir da década de 1930, com o acelerado engessamento dos estudos acadêmicos durante a era stalinista. Após o desaparecimento físico do autor de *Sete anos de ditadura proletária*, em 1932, um ataque violento ao seu legado se concretizou no meio político-intelectual do país. Ele seria acusado de ser um “marxista vulgar” e de marginalizar (ou minimizar) o papel dos indivíduos e dos “grandes homens” na história local, ao apresentar, segundo seus detratores, uma narrativa demasiadamente abstrata e esquemática dos eventos, deixando de enfatizar a atuação das lideranças do partido e o culto à personalidade do Vozhd.

Já em março de 1934, o Politburo do PCR apontaria os “problemas” da abordagem pokrovskiana e, a partir de 16 de maio daquele ano, Stálin e Molotov firmariam um decreto relativo ao ensino de História na URSS, introduzindo uma linha completamente oposta à anterior. Deste momento em diante, muitos dos antigos colegas do autor de *Breve história da Rússia*, foram acusados de “inimigos do povo”, “agentes do trotskismo” e até mesmo “fascistas”¹. A tolerância com acadêmicos “não-marxistas”, contudo, já se iniciara desde 1928, com a prisão de vários deles, um resultado explícito do impulso de “proletarização” e do “obreirismo” de então. Em pouco tempo, os textos do professor foram banidos e um livro de 500 páginas editado pela ACUS, *Contra a concepção da história* de M. N. Pokrovski, seria utilizado para tentar acabar de vez com sua reputação (Mehnert, 1952). Essa nova historiografia, que ganhava fortes traços nacionalistas, defendia que a União Soviética representaria as aspirações de toda a humanidade e fazia “previsões” ou “antecipações” do que ocorreria no futuro a partir da lógica do desenvolvimento universal em direção ao comunismo. Palavras como “proletariado” e “trabalhadores” foram aos poucos sendo substituídas por “povo”, enquanto cada vez se exaltava o Estado e alguns dirigentes ligados ao PCUS. Até mesmo os termos “pátria” e “patriotismo”, por bastante tempo fora de uso, começaram a ser empregados novamente, desta vez com maior ênfase que antes. Uma visão “messiânica” da História foi adotada pelo aparato burocrático a partir de então, numa linha cronológica que começava com as primeiras civilizações do planeta

¹ Para compor seus livros, Pokrovski utilizou, por vezes, trabalhos de amigos do IPV (como Gusiev, Dubrovski, Slepkov e Tomsinski), como material de apoio para obras como *Causas econômicas da revolução russa* (1944).

(tendo em vista que, segundo esta interpretação, tudo o que havia acontecido ao longo de vários séculos levava, em última instância, à revolução russa).

Não custa lembrar que, em 1936, uma comissão encabeçada por Andrei Zhdanov foi constituída para elaborar os novos parâmetros historiográficos oficiais. Integrando o comitê, nomes conhecidos como Karl Radek, Yakov Yakovlev, Karl Bauman e Nikolai Bukhárin, o qual foi o responsável por preparar um relatório em que criticava duramente Pokrovski, ao acusá-lo de aderir de maneira mecânica a fórmulas sociológicas abstratas e por supostamente aplicar de forma equivocada o método dialético. Ainda assim, paradoxalmente, o autor de *Teoria econômica do período de transição*, quando jovem, havia se impressionado com o “antiliberalismo apaixonado” e o “jacobinismo revolucionário” do antigo “bolchevique de esquerda” e manteria “boas relações”, ao longo do tempo, com aquele que depois iria acusar. Por sinal, o próprio Pokrovski havia classificado justamente o livro de Bukhárin mencionado como “uma das três principais obras bolcheviques de ‘ciência social’ escritas desde a revolução” (Cohen, 1990: 25, 83, 108, 268). Todos aqueles vinculados ideológica ou metodologicamente ao renomado acadêmico seriam considerados “revisionistas”, antimarxistas”, “anti-leninistas” e “liquidacionistas”.

É claro que é possível encontrar exemplos de obras que rompiam com essa tendência, como os livros de León Trotsky, *História da revolução russa*² em três volumes e de Victor Serge (2007) com seu *O ano I da revolução russa*³. Por outro lado, como característica precípua do período, a tendência seria bem distinta.

² Este livro clássico seria elogiado por nomes como C. L. R. James, Isaac Deutscher e até mesmo Che Guevara, que diria que *História da revolução russa* “é um livro apaixonante...[que] lança luz sobre toda uma série de acontecimentos da grande revolução que estavam mascarados pelo mito. Ao mesmo tempo, faz afirmações isoladas cuja validade é total no dia de hoje. Em suma, se abstraímos da personalidade do autor e nos remetemos ao livro, este deve considerar-se uma fonte de primeira ordem para o estudo da revolução russa” (Kohan, 2013). Ver também Brian Pearce (1960).

³ De acordo com Peter Sedgwick, “naqueles primeiros anos da hegemonia de Stálin, o mero ato de enviar um manuscrito para um editor ocidental, por si só, não era considerado pela burocracia soviética, como é hoje, equivalente a um ato de traição. Durante os anos 1920 era relativamente comum para os escritores soviéticos mandar seus trabalhos para outros países, com o objetivo de conseguir os direitos autorais, antes que fossem lançados na Rússia. Esta liberdade relativa não iria durar muito tempo: em 1929, por exemplo, Boris Pilnyak foi ferozmente atacado pela imprensa russa pela publicação de seu romance *Mahogany* em Berlim, e foi removido de seus postos na União de Escritores Russos por esta ação supostamente ‘antisoviética’. Assim, em 1930, quando *O ano I da revolução russa* foi publicado por uma editora de Paris, Serge deve ter tido motivos para temer que uma obra histórica que desafiava implicitamente (mas ainda assim, definitivamente) a reescrita stalinista da história do partido poderia trazer consequências desagradáveis para seu autor. Apenas um ano depois, num romance dedicado ao período da guerra civil, ele sentiu a necessidade de omitir os nomes de Lenin e Trotsky de uma cena que claramente descrevia os dois líderes juntos, numa conversa íntima; e em 1936, quando Victor Serge teve a permissão de deixar a União Soviética depois de três anos de deportação na Ásia Central, a censura da GPU cuidou de confiscar todos seus manuscritos, incluindo *O ano II da revolução russa*, a continuação da presente obra. Este livro então, como o próprio Victor Serge, é um espécime de heresia intransigente que sobreviveu aos riscos da repressão stalinista através de uma combinação de *timing* habilidoso e boa sorte histórica”. <https://www.marxists.org/archive/serge/1930/year-one/index.htm>.

Neste caso, a versão “oficial” dos fatos se mostraria bastante diferente da visão de homens como Trotsky e Serge, que produziram textos considerados heréticos pelo establishment partidário. A narrativa dominante, hegemônica, do ambiente soviético entre os anos 1930 e o início da década de 1950, sempre exaltava Stálin como o líder genial dos povos e o grande continuador intelectual da obra de Marx, Engels e Lenin⁴. Um exemplo disso é *Stálin e as forças armadas da União Soviética*, de Kliment Vorochilov, publicado em 1953, que descrevia o “generalíssimo” como um homem incansável, que estava em vários lugares quase simultaneamente, passando noites em claro estudando, dias seguidos organizando os militantes do partido, preparando soldados, dirigindo o país. Ao mesmo tempo, era implacável contra os inimigos, os “semeadores do pânico” e os sabotadores. É claro que Trotsky praticamente não aparece no livro e, quando seu nome é mencionado, é atacado. Em discussões com o autor de *O novo curso*, o Comissário para as Nacionalidades estava “sempre” certo, inclusive em relação ao RKKA⁵, já que ele era, de acordo com Vorochilov, seu amigo mais próximo e mais querido. Koba, assim, teria sido o verdadeiro fundador do Krasnaya Armiya e, juntamente com Lenin, um dos maiores estrategistas militares da História. Afinal,

Stálin não é somente a personificação do bolchevismo e do poder soviético, é também o nome do socialismo triunfante que alenta e inspira nosso povo na ação heróica e no trabalho criador, infundindo-lhe arrojo; é o nome das esperanças, afãs e horizontes dos trabalhadores do mundo inteiro. Stálin é um nome que ultrapassou todas as fronteiras, convertendo-se na bandeira de combate pelos grandes ideais da humanidade (Vorochilov, 1953: 46-47).

O livro termina com diversas exaltações ao secretário-geral do PCUS, descrito como “sábio”, “genial chefe” e “mestre” dos trabalhadores, assim como “homem magnífico” e “grande amigo de todas as pessoas progressistas do universo” (Vorochilov, 1953: 134).

Essa abordagem, por certo, iria mudar na era Kruschey, ainda que não tanto quanto deveria. É só lembrar que em 1962, o comitê editorial inteiro do *Voprosy Istorii* (Problemas de História)⁶ seria demitido, enquanto historiadores do calibre

⁴ Por exemplo, Mehnert (1952), Brandenberger (2006) e Eissenstat (1969).

⁵ *Raboche Krest' yanskaya Krasnaya Armiya* ou Exército Vermelho.

⁶ O *Voprosy Istorii* foi dirigido principalmente pelo historiador E. N. Burdzhlov, que defendia uma história do partido que eliminasse as falsificações do passado, fosse contra o culto à personalidade e revisasse o papel de Stálin em eventos como o cerco de Tsaritsyn (1918). Desde 1956, sofreu ataques de acadêmicos, como Bugaev (editor-assistente do periódico *Partiinaiia Zhizn'*) e Smirnov da Universidade de Moscou. Em 9 de março de 1957, o Comitê Central divulgou o decreto “Sobre o periódico *Voprosy Istorii*”, acusando seus editores de várias transgressões. O comitê editorial foi expurgado. Burdzhlov foi transferido para o Instituto de História, onde o secretário do birô do partido, P. N. Sobolev tentou revogar sua filiação ao PCUS. Em 1959 foi removido do Instituto e, após meses sem trabalho, ingressou no Instituto Pedagógico de Moscou – até se aposentar.

de A. M. Nekrich e Roy Medvedev, sofreriam severa repreensão (em certos casos, alguns deles acabariam seguindo para o exílio, anos mais tarde)⁷. Também não se pode deixar de lado a atitude obtusa e limitada de alguns “acadêmicos”, como o secretário do Comitê Central Boris Nikolayevich Ponomarev, autor de *Uma breve história do Partido Comunista da União Soviética* (com dezenas de edições em russo e em outras onze línguas, entre 1959 e 1985), que na Conferência de Historiadores de Toda a União, em dezembro de 1962, iria afirmar peremptoriamente que

um historiador não é um repórter imparcial que identifica os fatos ou mesmo os coloca num padrão cientificamente válido. Ele é um lutador que vê como seu objetivo colocar a História do passado a serviço da luta pelo comunismo, e que tem como propósito a firme convicção da inevitabilidade do triunfo do comunismo (Banerji, 2008: s/n).

Por outro lado, em 1960, mais do que o dobro de livros e brochuras sobre assuntos relativos à história foram publicados em relação aos quatro anos anteriores. Segundo Donald J. Raleigh (1987), somente entre 1957 e 1958, 128 volumes de documentos foram divulgados e Pokrovski foi parcialmente reabilitado, a partir de uma iniciativa de S. M. Dubrovskii, com o apoio de antigos discípulos do antigo acadêmico, como M. V. Nechkina e I. I. Mints. Além disso, entre 1946 e 1966, o Instituto de História da ACUS viu um crescimento relativo no número de especialistas na área, que foi de 150 para 400 (ou seja, 250 estudiosos a mais num período de vinte anos). Outro dado parecia promissor. Se até 1957 só havia três periódicos especializados, o *Voprosy Istorii*, o *Istoricheskie Zapiski* (*Transações Históricas*) e o *Vestnik Drevnei Istorii* (*Boletim de História Antiga*), em 1962 era possível constatar 82 publicações à disposição dos leitores.

No último ano de Krushev no poder, ainda outro elemento favorável à disciplina pôde ser observado. Afinal, em janeiro de 1964, foi constituído o Setor de Metodologia do Instituto de História da ACUS, que sinalizava para a possibilidade de uma maior abertura interpretativa e de incentivo para discussões intelectuais. Esse momento iria durar pouco e, após Krushev perder seu posto, muitos seriam retirados de suas posições, enquanto o material produzido na época permaneceria inédito por décadas.

O período de desestalinização, sem dúvida, também iria afetar a própria imagem do “generalíssimo”. Desde o XX Congresso do PCUS e a denúncia do

⁷ O historiador Aleksandr Moiseyevich Nekrich emigrou para os Estados Unidos (1976), lecionou em Harvard e publicou o conhecido *The Punished Peoples* (1978). Roy Medvedev, considerado um intelectual dissidente interno, escreveu os polêmicos *Os últimos anos de Bukharin* (1980) e (com Zhores Medvedev) *Um Stálin desconhecido* (2006). Outros estudiosos russos atuaram no Ocidente, como David Shub, George Katkov e S. P. Melgunov.

culto à personalidade em 1956 que o “legado” do antigo dirigente bolchevique começava a ser rapidamente borrado de todos os espaços públicos: em 1961, seu corpo embalsamado seria retirado do Mausoléu de Lênin e, em seguida, enterrado no Kremlin; suas estátuas e retratos, removidos de repartições governamentais e praças em todo o país; e a cidade de Stalingrado teria seu nome modificado para Volgogrado.

Algo semelhante se passaria na bibliografia produzida na época. Este foi o caso, por exemplo, da *Grande Enciclopédia Soviética* que, logo após o discurso kruscheviano, teve sua nova edição paralísada por vários meses, até que ajustes significativos fossem feitos, especialmente no verbete sobre o autor de *O marxismo e o problema nacional e colonial*. O livro seria finalmente lançado em 1958, com profundos cortes de conteúdo. Se na edição anterior o texto sobre Stálin ocupava 44 páginas, desta vez sua entrada teria apenas seis. Por outro lado, os nomes de personalidades importantes, como Nikolai Bukhárin, sequer constavam na obra⁸. E isso continuaria nos anos seguintes.

O governo Brezhnev não se destacaria, nesse sentido, por sua qualidade historiográfica. A nomeação de S. P. Trapeznikov como chefe do Departamento de Estabelecimentos Científicos e Educacionais, em 1965, seria o sinal de confirmação da calcificação da linha mais conservadora nos estudos acadêmicos, a partir daquele momento nas mãos de um homem muito próximo ao novo secretário-geral do partido. Isso significa dizer que diversos historiadores seriam sistematicamente removidos de suas posições, como Viktor Danilov e Pavel Vobloboev, enquanto o acesso aos arquivos de Estado, por sua vez, seria dificultado para muitos pesquisadores (de igual forma, os documentos da Administração Estatística Central, da Gosplan e do Gosbank, por exemplo, não estariam disponíveis para boa parte dos historiadores). Alguns intelectuais, como Aleksandr Nekrich, Iurii Trifonov e Ivan Maiskii, publicariam textos sobre o “culto à

⁸ Antes da publicação da edição de 1958, John Gunther diria que “a Grande Enciclopédia Soviética, que abrange mais de 100.000 verbetes e que, quando completa, será constituída de cinquenta volumes, abriga algumas deformações tão escandalosas que chegam a parecer incríveis. Trata-se de uma velha história. Mas essas adulterações têm importância porque a Enciclopédia é a mais autorizada obra de referência soviética e sua palavra faz lei. Seu corpo editorial trabalha sob as ordens diretas do Conselho de Ministros, e seus dois redatores-chefes são membros efetivos da Academia de Ciências. Cada volume novo é distribuído para 300.000 assinantes. Os livros são bem ilustrados e encadernados. A publicação dessa vasta obra começou em 1949, e o último volume a aparecer nos Estados Unidos foi o de nº 48. Fato curioso é que o nº 40, que abrange os verbetes de Soki a Stilton, nunca veio a público. O motivo não é difícil de achar: os organizadores ainda não decidiram como haver-se com o verbete Stálin... Durante o tempo de Stálin, quando a linha do partido se alterava em alguma matéria tão importante que a própria Enciclopédia precisasse ser modificada, os assinantes eram obrigados a restituir o volume correspondente ao secretário local do partido. O livro era levado ao pilão e um volume novo, convenientemente expurgado, era mais tarde enviado ao assinante. Hoje se permite que o leitor conserve o livro, e se confia que ele mesmo realize as emendas necessárias” (Gunther, 1959: 324-325).

personalidade”, ainda que já em 1966 o *Pravda* sugerisse que essa expressão não fosse mais usada. Naquele mesmo ano, um artigo do próprio Nekrich criticando o papel do Vozhd no início da invasão alemã durante a Segunda Guerra Mundial foi duramente atacado pelos setores mais conservadores da *intelligentsia* soviética (Raleigh, 1987: 17).

É bem verdade que Stálin não seria reabilitado e que seu papel, de maneira geral, seria minimizado em detrimento do rol do “partido”, considerado o verdadeiro protagonista dos acontecimentos após a revolução de Outubro. Ainda assim, Koba começou a ser visto, paradoxalmente, como um “líder nacional”, devotado ao povo e à luta pelo socialismo. Seu período no poder, portanto, teria sido heroico e necessário para o desenvolvimento econômico da URSS, apesar de todos os seus equívocos como estadista. Em outras palavras, o dirigente seria considerado, apesar de tudo, o responsável pela modernização do país e deveria ser reconhecido como tal.

Pokrovski, por sua vez, que voltou a ganhar nova atenção desde a segunda metade da década de 1950, teria suas Obras escolhidas em quatro volumes publicadas em 1966. Trotsky, contudo, continuaria um renegado, proscrito do panteão revolucionário e apontado como um revisionista e traidor, como na emblemática obra coletiva coordenada por V. Ignátiev (et al, s/d) *A luta do partido bolchevique contra o trotskismo depois da revolução de Outubro*, livro que mantém uma análise maniqueísta, agressiva e sem qualquer sofisticação sobre o fundador do Exército Vermelho, no qual não se percebe nenhum avanço nos estudos historiográficos sobre aquele período. Trabalhos tendenciosos, com omissões deliberadas e carregados de ideologizações, seriam, portanto, a marca daqueles anos, explicitados em textos de autores como N. Fedyukin (1978) em seu *A revolução de Outubro e os intelectuais*, só para citar um dos mais conhecidos⁹. Mesmo um latino-americanista soviético renomado como Boris Koval iria seguir esta tendência, em momentos negligenciando fontes, selecionando informações e induzindo o leitor a determinadas interpretações oficiais propugnadas por seu governo¹⁰. Isso pode ser dito igualmente dos famosos “manuais” de economia política da ACUS (que continuariam mantendo a qualidade duvidosa do período anterior e que basicamente serviam apenas como material de propaganda)¹¹ e das

⁹ Mais informações sobre a historiografia soviética em Ulam (1964) e Mandel (1979).

¹⁰ Ver Koval (1978) e Bandeira et al. (2017).

¹¹ Livros como os de Batálov (1982), Lopata (1982), Trepelkov (1982), Neznánov (1982), Pirogov (1988), Zótov (1982), Sobakin (1982). Che (2006) atacaria duramente os “manuais” soviéticos, considerando-os repletos de problemas e acusaria o que chamava de “pragmatismo inconsistente” em todos os campos da vida dos povos socialistas e da situação econômica da União Soviética. Para Guevara, se o país prosseguisse com as medidas reformistas de então (inspiradas supostamente no retrocesso político-econômico representado pela experiência nepiana elogiada pelos “manuais”), caminharia gradualmente para um retorno ao capitalismo.

biografias preparadas na época¹².

Já a NEP seria estudada como um exemplo favorável e factível de transição ao socialismo, que poderia servir de inspiração para outras gerações. Intelectuais como Yuri Poliakov, Nikolai Kuzmin, Vladimir Dmitrenko, Zinovi Zvezdin, Leonid Morozov, Ivan Trifonov e Viktor Sherstobitov escreveriam sobre aspectos ligados ao tema, como a relação das políticas nepianas com o partido, a regulação dos processos socioeconômicos no meio rural, a questão da planificação nas condições de uma economia mista, o desenvolvimento das cooperativas e as peculiaridades da implementação daquela modalidade nas repúblicas soviéticas orientais¹³. Por coincidência, no começo da mesma década seria publicada no Ocidente a biografia política de Bukhárin escrita pelo historiador norte-americano Stephen Cohen (1990), obra que causaria bastante polêmica e críticas (como aquelas de Tamara Deutscher e E. H. Carr) por causa de algumas de suas teses inovadoras, mas que serviria, ao mesmo tempo, como elemento de discussão na própria União Soviética naquele período. Cohen viajaria para a URSS com o objetivo de apresentar suas ideias e debater com especialistas locais.

A era Gorbachev, finalmente, significaria uma tentativa de real abertura de discussões sobre os temas clássicos da historiografia soviética, mas resultaria, por sua vez, na elaboração e divulgação de muitos estudos revisionistas, com duros ataques a personagens históricos e ao próprio regime no poder¹⁴. Além de representar também o fim do país.

De qualquer forma, no final dos anos 1980 os arquivos soviéticos (como o Centro Russo para a Preservação e Estudo de Documentos Históricos Contemporâneos, o antigo Arquivo Central do Partido, em Moscou) seriam abertos aos pesquisadores locais e, a partir de 1991, para os ocidentais¹⁵. Isso para não falar nos arquivos localizados em universidades estrangeiras, especialmente nos Estados Unidos, que mantinham boa quantidade de documentação de acervos particulares de personagens como Kerensky e Trotsky, e que seriam consultadas

¹² Por exemplo, Zamiatin et al. (1973).

¹³ Ver Academia de Ciências da União Soviética (1977).

¹⁴ Ver Davies (1989).

¹⁵ Ver Rossiski Gosudarstvenni Arjiv Istori (RGANI) e Rossiskii Gosudarstvenni Arjiv Sotsialno-Politicheskói Istori (RGASPI), da Federação Russa. Foram muitas publicações a partir de pesquisas nos antigos arquivos soviéticos: Khler et al. (1996), Vatlin (1991), McDermott et al. (1997), Narinsky et al. (1996). De pesquisadores estrangeiros: Thorpe (sobre o PCGB), Bourgeois (PCF), Agosti (PCI), Wilford (PCEUA) e Carr (PCM e PCC). Biografias: Service (2005), Khlevniuk (2015), Van Ree (2002), Rees et al. (1998).

por investigadores importantes de vários países¹⁶. Mas se a abertura dos acervos se mostrou extremamente útil e esclareceu possíveis pontos obscuros nos trâmites internos das instituições soviéticas e nas relações do PCUS com os partidos irmãos de outras partes do planeta (o que poderia ajudar a dar um salto qualitativo na soviétologia), também serviria para alavancar análises tendenciosas, com leituras anacrônicas e ideologizadas (em boa medida, elaboradas por estudiosos britânicos e norte-americanos), em trabalhos carregados de preconceitos e produzidos também como instrumento de propaganda, ainda que fossem textos escritos supostamente a partir de critérios “científicos” e “objetivos”, o que na prática não correspondia à realidade.

Na URSS, várias obras seriam lançadas a partir daquele momento. Os acadêmicos preparariam textos bastante críticos ao culto da personalidade, à coletivização da agricultura, ao terror vermelho, aos planos quinquenais e aos expurgos. Stálin seria considerado o principal culpado pelos problemas nacionais. Nesse sentido, seguiam uma linha similar às biografias que vinham sendo editadas no Ocidente ao longo de várias décadas¹⁷. Emblemática, neste caso, seria a publicação do livro do general Dmitri Volkogonov (2004) *Stálin: triunfo e tragédia*, em 1988.

Por outro lado, os dirigentes acreditavam que seria possível, de alguma forma, reabilitar o último Lênin (o “Lênin tardio”, da NEP), supostamente mais democrático e defensor de um “socialismo de mercado”. Este representaria, para eles, o “verdadeiro” Vladimir Ilich Ulianov, que havia implementado medidas indevidamente interrompidas, mas que seriam, em última instância, as corretas, aquelas que poderiam servir de inspiração para levar a URSS de maneira segura ao século XXI. Autores como Medvedev e Plimak teriam um papel em difundir uma versão do dirigente como quase um “democrata radical”. O objetivo de reconstruir a imagem do líder bolchevique, contudo, não funcionou como planejado. E até mesmo ele seria atacado (Lênin seria reabilitado muito tempo mais tarde, a partir de uma análise profunda e sofisticada de vários aspectos de sua atuação e pensamento, na excelente biografia intelectual produzida pelo húngaro

¹⁶ O arquivo de Kerensky foi vendido para a Universidade do Texas, na década 1960. Sobre Trotsky, a Biblioteca Houghton, da Universidade de Harvard, possui 172 caixas com anotações, artigos, correspondência e fotografias. Entre 1929 e 1940 foram 20 mil documentos, dos quais 4 mil cartas. A nova edição do livro de Trotsky, *Stálin*, que ficara incompleto em 1940 e publicado de forma modificada em 1946 (versão “manipulada” pelo professor Charles Malamuth), foi reelaborada a partir dos “Manuscritos Harper”, encontrados em 9 caixas. A nova edição foi preparada pelo neto do revolucionário, Esteban Volkov, pelo pesquisador Rob Sewell e pelo tradutor e editor Alan Woods, publicada em inglês em 2016. Para escrever sua elogiada biografia de Lênin, Tamás Krausz utilizou material de arquivos norte-americanos, como o da Hoover Institution.

¹⁷ Por exemplo: Trotsky (1912), Deutscher (1967), Ulam (2007), Tucker (1974).

Tamás Krausz (2015), professor da Universidade Eötvös Loránd de Ciências, onde é chefe do Departamento de Estudos da Europa Oriental).

A abertura nas discussões acadêmicas sobre a revolução russa e as questões políticas e econômicas da URSS nas décadas posteriores, teria como resultado, em última instância, uma série de publicações bastante desfavoráveis ao próprio sistema socialista e aos dirigentes do país. De qualquer forma, naquele momento, seria tarde demais para conseguir reverter o processo que culminou no fim melancólico da União Soviética, deixando no passado, de um lado, toda uma vertente historiográfica verticalizada e deformada vinculada aos ditames da burocracia do partido, e de outro, tentativas (muitas vezes pontuais e isoladas) de romper com os cânones oficiais para produzir obras que, de fato, trouxessem análises sofisticadas e provocadoras dentro da tradição marxista, mesmo que esses tenham sido, de maneira geral, intentos limitados e tolhidos, nunca conseguindo se consolidar como a linha dominante dentro dos estudos acadêmicos ao longo de todo aquele período.

Bibliografia

- ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA UNIÃO SOVIÉTICA (1977). *NEP: Política econômica de transição para o socialismo*. Lisboa: Editorial Estampa.
- BANDEIRA, L. A. Moniz. et al. (2017). *O ano vermelho: a revolução russa e seus reflexos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BANERJI, Arup (2008). *Writing History in the Soviet Union: Making the Past Work*. New York: Routledge.
- BATÁLOV, E. (1982). *A teoria leninista da revolução*. Moscou: Edições Progresso.
- BRANDENBERG, David (2006). Politics Projected into the Past: What Precipitated the 1936 Anti-Pokrovski Campaign? In: THATCHER, Ian D. (org). *Reinterpreting Revolutionary Russia: Essays in Honour of James D. White*. London: Macmillan.
- BURDZHALOV, E. N. (1987). *Russia's Second Revolution: The February 1917 Uprising in Petrograd*. Raleigh. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- COHEN, Stephen (1990). *Bukharin: uma biografia política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- DAVIES, R. W. (1989). *Soviet History in the Gorbachev Revolution*. Hampshire and London: The Macmillan Press.

- DEUTSCHER, Isaac (1967). *Stalin: A Political Biography*. Reino Unido: Oxford University Press.
- EISSENSTAT, Bernard W. (1969). M. N. Pokrovski and Soviet Historiography: Some Reconsiderations. *Slavic Review*, vol. 28, n. 4.
- FEDYUKIN, N. (1978). *A revolução de Outubro e os intelectuais*. Lisboa: Editorial Estampa.
- GUEVARA, Che (2006). *Apuntes críticos a la economía política*. Havana: Ocean Press/Ocean Sur.
- GUNTHER, John (1959). *A Rússia por dentro*. Porto Alegre: Editora Globo.
- IGNÁTIEV, V. et al. (s/d). *La lucha del partido bolchevique contra el trotskismo después de la revolución de Octubre*. Moscou: Editorial Progreso.
- KHLER, H. et.al. (1996). *The Secret World of American Communism*. Connecticut: Yale University Press.
- KHLEVNIUK, Oleg (2015). *Stalin: New Biography of a Dictator*. Connecticut: Yale University Press.
- KOHAN, Néstor (2013). *En la selva: Los estudios desconocidos del Che Guevara*. Barcelona e Buenos Aires: Amauta Insurgente Ediciones/Yulca Editorial/Ediciones La Lllamarada.
- KOVAL, Boris (1978). *La gran revolución de Octubre y América Latina*. Moscou: Editorial Progreso.
- KRAUSZ, Tamás (2015). *Reconstructing Lenin: An Intellectual Biography*. New York: Monthly Review Press.
- LOPATA, P. (1982) *O comunismo como formação sócio-económica*. Moscou: Edições Progreso.
- MACDERMOTT, K. et. al. (1997). *The Comintern: A History of International Communism from Lenin to Stalin*. New York: St. Martin's.
- MANDEL, Ernest (1979). *Da Comuna a Maio de 68*. Lisboa: Antídoto.
- MEDVEDEV, Roy (1980). *Os últimos anos de Bukharin*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- _____; MEDEVEDEV, Zores. (2006). *Um Stálin desconhecido*. Rio de Janeiro: Record.
- MEHNERT, Klaus (1952). *Stalin Versus Marx: The Stalinist Historical Doctrine*. London: George Allen and Unwin.

- NARINSKY, Mikhail. et al. (1996). *Centre and Periphery: The History of the Comintern in the Light of New Documents*. Amsterdam: International Institute of Social History
- NEKRICH, A. M. (1978) *The Punished Peoples: The Deportation and Fate of Soviet Minorities at the End of the Second World War*. New York: Norton.
- NEZNÁNOV, V. (1982). *Sobre as vias de transição do capitalismo ao socialismo*. Moscou: Edições Progresso.
- PEARCE, Brian (1960). Trotsky as an Historian. *The Newsletter*, 27/08/1960.
- PIROGOV, G. (1988). *Que é o Sistema socialista mundial?* Moscou: Edições Progresso.
- POKROVSKI, M. N. (1944). *Causas econômicas da revolução russa*. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Ltda.
- RALEIGH, Donald J. (1987). Translator's Introduction. In: BURDZHALOV, E. N. *Russia's Second Revolution: The February 1917 Uprising in Petrograd*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- REES, Tim. et al. (1998). *International Communism and the Communist International 1919-43*. Manchester and New York: Manchester University Press.
- SEDGWICK, Peter. *Introduction*. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/serge/1930/year-one/index.htm>. Acesso em 29 de maio de 2017.
- SERGE, Victor (2007) *O ano I da revolução russa*. São Paulo: Boitempo.
- SERVICE, Robert (2005). *Stalin: A Biography*. Cambridge: Harvard University Press.
- SOBAKIN, V. (1982). *O marxismo-leninismo sobre os problemas da guerra e da paz*. Moscou: Edições Progresso.
- TREPELKOV, V. (1982). *A crise geral do capitalismo*. Moscou: Edições Progresso.
- TROTSKY, Leon (2012). *Biografia de Stálin*. São Paulo: Editora Física.
- TUCKER, Robert C. (1974). *Stalin as Revolutionary: A Study in History and Personality*. New York: WW Norton & Company.
- ULAM, Adam (2007). *Stalin: The Man and his Era*. London: Tauris Parke Paperbacks.
- _____ (1979). *A nova face do totalitarismo soviético*. Rio de Janeiro: Record.
- VAN REE, Erik (2001). *The Political Thought of Joseph Stalin*. London: Routledge.
- VATLIN, Aleksandr (1991). *Comintern: The First Ten Years*. Tradução de Stephen A. Smith. Moscou: Edições Progresso.

- VOLKOGONOV, Dmitri (2004). *Stálin: Triunfo e tragédia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- VOROCHILOV, K. (1953). *Stalin y las fuerzas armadas de la URSS*. Moscou: Ediciones en Lenguas Extranjeras.
- ZAMIATIN, Leonid M. et al. (1973). *Chicherin: Diplomático de la escuela leninista*. Moscou: Editorial Literatura Política.
- ZÓTOV, V. (1982). *A doutrina leninista das revoluções de libertação nacional e a atualidade*. Tradução de A. Bázine. Moscou: Edições Progresso.